

Experiências Transformadoras

Roda de Afeto e Rede de Proteção de Mulheres: cuidado e mobilização das mulheres ativistas da Rede do Fundão do Graja

Affection Round Table and Women's Protection Network: care and mobilization of women activists from the Fundão do Graja Network

Dani Ursogrande¹
Marta Aoki¹
Laís Ferreira¹
Aline Farias¹
Elaine Pereira¹
Angela Clameiro¹
Thalita Barbosa¹
Fabiana Lima¹
Maria de Fátima Oliveira¹
Suellen Gonçalves¹
Nicole Aun¹
Marilza Silva¹
Gabriela Sequeira Kermessi¹
Karin Freitas¹

¹ Rede do Fundão do Graja

Resumo: Trata-se do relato de experiência denominado Roda de Afeto e Rede de Proteção de Mulheres, criada em 2018 como estratégia de emancipação e de cuidado autônomo das mulheres que vivem nas margens da cidade, no extremo sul de São Paulo, a partir de um movimento periférico intersetorial chamado Rede do Fundão do Graja para o enfrentamento das desigualdades sociais e em defesa da vida. Inspira-se na Linha de Cuidado para Atenção Integral à Saúde da Pessoa em Situação de Violência, com vistas à intervenção interseccional para acolhimento de mulheres em situação de violência e vulnerabilidade social. Em 2021, por conta das restrições do contato social impostas pela pandemia, os encontros passaram a ser virtuais, uma vez por semana, utilizando-se do aplicativo Zoom. A Roda é coordenada por uma psicóloga e uma liderança ativista ambiental e conta com a participação em média de 10 mulheres, a maioria cisgêneras, não brancas, casadas, moradoras da comunidade em geral, profissionais da saúde, assistência social, educação e, que apresentam em seus corpos as violências que atravessam a vida das mulheres periféricas. Através da metodologia da educação popular em saúde são trazidas convidadas para um espaço de partilha e diálogos na perspectiva de valorizar a troca de saberes, fomentando a participação social e análise crítica sobre a realidade e estratégias de luta. As participantes da Roda foram convidadas a contribuir com o presente texto, narrando suas histórias como nos ensina Conceição Evaristo: na escrevivência. Dentre os desafios da proposta destaca-se a situação de exclusão digital de mulheres que não possuem acesso à Internet, além da baixa adesão de profissionais de saúde, que parecem responder ao modelo de saúde-adoecimento imposto pelo sistema capitalista. Observa-se que a Roda como um movimento periférico de cuidado autônomo coletivo fricciona a ideologia vigente e promove um espaço acolhedor, criativo e formativo para o enfrentamento dos desafios do cotidiano.

Palavras-chaves: Violência Contra a Mulher, Saúde da Mulher, Proteção Social em Saúde, Empoderamento para a Saúde, Direitos Humanos Coletivos.

Abstract: This is an experience report called "Affection Round Table and Women's Protection Network", created in 2018 as a strategy for the emancipation and autonomous care of women living on the margins of the city, in the extreme south of São Paulo, from an intersectoral and peripheric movement called Fundão do Graja Network to confront social inequalities and in defense of life. It is inspired by the Comprehensive Health Care Line for Persons In Situations of Violence, in sights to an intersectional intervention for welcoming women in situations of violence and social vulnerability. In 2021, due to the social contact restrictions imposed by the pandemic, meetings became online, once a week, using the Zoom application. The Round Table is coordinated by a psychologist and an environmental activist leader and has the participation of 10 women on average, most of whom are cisgender, non-white, married, residents of the community in general, besides healthcare,

social assistance and education professionals, who present in their bodies the violences that cross the lives of peripheric women. Through the methodology of popular education in healthcare, female invitees are called to participate in a dialogical sharing space in order to value the exchange of knowledge, fostering social participation, critical analysis of reality and fight strategies. The Round Table participants were invited to contribute to the present text, narrating their stories as taught by Conceição Evaristo: in "livewriting". Among the challenges of the proposal, the digital exclusion of women who do not have Internet access stands out, in addition to the low adherence by healthcare professionals, who seem to respond to the health-illness model imposed by the capitalist system. It is observed that the Round Table as a collective autonomous care peripheric movement clashes against the current ideology and promotes a welcoming, creative and formative space to face the challenges of daily life.

Keywords: Violence Against Women, Women's Health, Social Protection in Health, Empowerment for Health, Human Rights.

1. Relato de experiência

Grajaú é o distrito mais populoso do município de São Paulo, com cerca de 400 mil habitantes e o 9º pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) no ranking da cidade de São Paulo¹, onde são inúmeros os desafios decorrentes da desigualdade social², principalmente no que se refere ao desemprego, as más condições de moradia, presença de violência racial contra mulheres, contra população LGBTQIA+, falta de oportunidades de lazer e cultura para a população.

Neste contexto, nasce a Rede Fundação do Grajaú, um grupo intersetorial, criado em 2018 que agrega representantes de serviços de saúde, educação, assistência social, cultura e esporte que atuam nos bairros que compõem o distrito do Grajaú.

Neste mesmo ano, a partir da iniciativa dos participantes da Rede do Fundação do Grajaú, cria-se a Roda de Afeto e Rede de Proteção de Mulheres, uma estratégia de saúde para a mulher periférica e cuidado longitudinal visando sua emancipação da estrutura do sistema capitalista-partriarcado-racista a partir da perspectiva da Linha de Cuidado da Pessoa em Situação de Violência³ que o sistema produz, e a implementação do NPV (Núcleo de Prevenção de Violência) como política norteadora. Com encontros quinzenais mediados pela Terapeuta Ocupacional Dani Ursogrande e a Assistente Social Lia Pereira, ambas da Unidade Básica de Saúde - UBS Gaiotas, e com apoio das Agentes Comunitário de Saúde (ACSs) da UBS Cantinho do Céu, a Roda tinha como objetivo central o acolhimento das mulheres do território e o combate a qualquer tipo de violência⁴. A maioria delas cisgêneras, casadas, mães, acima dos 30 anos que buscavam escuta e autonomia em saúde a partir das práticas integrativas e complementares (massagem, yoga, reflexologia, expressão corporal, aromaterapia), arte e cultura.

Os encontros aconteciam na Biblioteca do CEU Navegantes, mas, para cada vivência ou convidade foram sendo ocupados espaços diferentes do território; desde a cozinha do Centro de Cidadania da Mulher (CCM) Capela do Socorro, passando pelos palcos do teatro do CEU ou o GURI (Projeto de Música Gratuita) até alcançar o píer do Parque Linear Cantinho do Céu.

Em 2019 houve a "Primeira Navegada das Minas" liderada pela atual coordenadora da Roda de Afeto, um evento que ocorreu no final de semana e reuniu mulheres de todos os territórios para velejar na Represa Billings.

Em razão da imposição do distanciamento social colocada pela situação de pandemia do coronavírus e com a percepção da necessidade urgente de dar continuidade ao cuidado e fortalecimento das mulheres moradoras da região, a Roda de Afetos passou a ser virtual, com a participação de mulheres trabalhadoras dos diversos serviços que compõem a Rede do Fundação do Grajaú e mulheres da comunidade, num diálogo sobre os desafios do cotidiano em tempos de pandemia.

Os encontros da Roda atualmente são semanais, sempre às segundas-feiras às 17:15h de modo presencial com a coordenadora Laís Guimarães, uma liderança comunitária, ativista ambiental, velejadora e estudante de educação física, na Associação Imagem e no suporte online com a coordenadora psicóloga e Agente Comunitária de Saúde, Aline Farias, via aplicativo Zoom, doação do Movimento Atreva-se após o *Googlemeet* não permitir mais reuniões gratuitas com mais de uma hora de duração. Através do cuidado em rede, quinzenalmente a Roda recebe convidadas para trocas de saberes com foco na emancipação das violências que atravessam a vida das mulheres periféricas.

Desde seu nascimento a Roda já contou com: Cabeleira Ursogrande para uma conversa sobre "o que é bonito para você?"; com a instrutora de yoga Pri Vicenzo para uma prática juntas;

com o sanitarista Rodrigo Meirelles para um bate-papo com os companheiros (encontro aberto aos manos) para falar sobre machismo; aula de zumba com a professora Gabriela Bernardo; bate-papo sobre violência contra a mulher com a advogada parceira da Roda - Dra. Gabriela Sequeira Kermessi; bate-papo sobre autonomia em saúde e os florais da Amazônia com as naturólogas Flora Jabur e Letícia Ribeiro; a velejadora Maria Hackerott para conversar sobre a experiência da prática de esporte da vela para as mulheres e a importância do lazer como direito de todes. Também recebeu a criadora de conteúdos digitais Suellen Gonçalves para falar sobre o protagonismo das mulheres com deficiência; a sexóloga Ana Clara Marques para uma conversa aberta sobre sexo & amor em uma perspectiva de gênero, raça e classe além de encontros formativos com a ativista feminista Nicole Aun do Movimento Atreva-se para falar do seu livro recém-lançado "Nomear para Combater" e assim a Roda segue sendo ferramenta de combate às violências contra as mulheres da periferia de São Paulo.

No mês de maio de 2021 a Roda de Afeto e Rede de Proteção junto à Rede do Fundão do Graja e o Projeto Mulheres da Billings participou do Curso Saúde Coletiva e Periferias da UFSCAR com a proposta de oferecer uma Atividade Cultural de exibição da série "Mulheres da Billings" uma vivência disparadora de reflexões, diálogos e afetos, organizada em três encontros:

Exibição do Mulheres da *Billings*: EVA - Episódio 1 Estratégias das Margens Matriarcais⁵ conta a história de Eva, mulher da quebrada que luta por sua existência rompendo com as garras que o sistema pode impor para uma mãe que sonha na periferia. Contou com a participação da protagonista do episódio, as realizadoras da série e as Agentes Comunitárias de Saúde da Unidade Básica de Saúde (UBS) de referência de Eva.

Exibição do curta-metragem Mulheres da Billings: KARENS - Episódio 2 A Honra da Mulher Viva⁶ (2021). "Quantas Karens você conhece? Quantas Karens existem na sua rua, no seu bairro e no Brasil? O segundo episódio conta a história de Karen (nome fictício dado à personagem), uma mulher que decidiu quebrar o silêncio". Acolhida durante a pandemia pela terapeuta ocupacional, Dani Ursogrande, através do teleatendimento, Karen foi encaminhada pelo Pronto Socorro para a UBS através da Notificação de Violência. Sua história de superação do ciclo de violência se tornou ferramenta de sensibilização através da interpretação de seus áudios pela atriz, Monalisa Silva, co-dirigida pela própria protagonista, a cineasta Bruna Carvalho Almeida e a idealizadora Dani Ursogrande.

No último encontro como Atividade Cultural no Curso teve a exibição da performance-ritual comunitária de Mogli Saura e a coletiva da Ilha do Bororé.

Neste evento pudemos dar visibilidade à nossa luta diária de proteção das mulheres do fundão do Grajaú, assim como expandir nossa rede alcançando outras mulheres de outros bairros do entorno, encaminhadas pela Rede Emancipa a partir da sensibilização que o cinema, como instrumento de combate às violências, possibilita através do episódio de KARENS.

Em junho de 2021 a coordenadora Laís Guimarães protagonizou sua história em "A Represa é o Meu Quintal" ainda não lançado, uma produção da Filmes do Front, dirigido pela parceira da Roda Bruna Carvalho Almeida e Dani Ursogrande, realizado pelo Cine Clube Socioambiental "EM PROL DA VIDA" com financiamento da União Europeia.

Em julho de 2021 fomos selecionadas para apresentar a experiência da Roda no "1º Seminário Nacional de Estratégias da Saúde para o Combate às Violências contra as Mulheres" que gerou como fruto este Relato de Experiência.

Participamos de uma ação presencial de solidariedade ativa na Ocupação União em parceria com a Rede Emancipa e o Coletivo Chita, seguindo todos os protocolos de biossegurança contra a COVID-19 com uma Roda a partir da exibição do KARENS para as mulheres lideranças da ocupação.

Em agosto de 2021 iniciou-se uma parceria da Roda com a professora de espanhol Yasmin Zanini, ela ofertou às mulheres da Roda 4 bolsas de estudo em seu curso de espanhol online com o objetivo de formá-las para o mercado de trabalho.

Em setembro de 2021 participamos do Sarau Mente Pensante da Cooperativa Libertas - por um mundo sem cárcere, levando cuidado e escuta para o território da Zona Leste. Contamos com a parceria da massoterapeuta Erika Lima que ofereceu massagem ao ar livre para as mulheres da Cooperativa e da Comunidade, houve a inauguração da Biblioteca Comunitária Rayssa Peixoto, a oficina de mandala com a psicóloga Jacqueline Gnoatto do Centro Comunitário Joilson (CEDECA Sapopemba).

Em outubro, a convite do Primeiro Comitê de Vela Feminino, a Roda de Afeto e Rede de Proteção participou do 1º Festival de Vela Feminina em uma vivência na Represa Billings liderada por Laís. Ainda neste mês a Roda fará uma formação visando o cuidado humanizado das mulheres com deficiência, e tratando da violência como tema transversal com as Equipes da Atenção Básica, Interlocutores da Saúde da Mulher e da Pessoa com Deficiência da Zona Norte de São Paulo.

Atualmente fazemos parte do Projeto "Estamos Juntas" fortalecendo Mulheres Periféricas realizado pelo Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo (CDHEP) em parceria com o Movimento de Defesa dos Favelados (MDF) e conta com o apoio financeiro do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

Assim observamos a relevância desta somatória de potências nas periferias, que atua principalmente com foco na produção de saúde da mulher periférica, como instrumento de emancipação, garantia de direitos, e da saúde integral, em sinergia com as realidades e reflexões da população periférica.

Este relato de experiência tem o objetivo de trazer visibilidade ao movimento de cuidado autônomo das mulheres ativistas que compõem a Rede do Fundão do Grajaú como ferramenta de emancipação das relações categórico-estruturais envolvendo raça, gênero e classe, e proteção contra qualquer tipo de violência e disseminação de cuidado autônomo coletivo revolucionário para as manas.

2. Nosso Pensamento

"Mas, sobretudo a mulher negra anônima sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família é quem, a nosso ver, desempenha o papel mais importante. Exatamente porque com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência nos transmite a nós, suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mais ainda porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel, apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder"⁷.

Tendo como referência a perspectiva feminista afro-latino-americana e a prática da educação popular feminista, alinhamo-nos à Lélia Gonzalez⁷ para descolonizar as nossas estruturas de pensamento de um feminismo sob a ótica racial, refletindo sobre o tecido das relações, as formas de opressão e a importância da autonomia dos movimentos sociais, o capitalismo, a divisão racial e sexual do trabalho, instrumental para uma atuação interseccional.

Contamos com a parceira Nicole Aun na organização da raiva para virar pensamento, como diz o subtítulo de seu livro "Nomear para Combater"⁸, no qual afirma que:

"uma política de vida, que traz para o centro outras narrativas, outras perspectivas do que chamamos de vida! Uma lógica que seja calcada no cuidado, no coletivo, no comum. Numa política que preza a vida e cria estratégias para preservá-la. Nos tempos em que vivemos, isso é algo absolutamente revolucionário."⁸

Assim, em tempos de política de morte, nos juntamos a Aun para nomear a Roda de Afeto e Rede de Proteção de Mulheres como uma política de vida e por isso, revolucionária. "No vazio do descaso do Estado com os problemas populares, vão se construindo iniciativas na busca de saídas em diálogo entre o saber popular e o saber acadêmico"⁹ em ruptura com tradição autoritária dominante. Assim, a metodologia de trazer convidadas para a Roda alinha-se à Educação Popular em Saúde e à Pedagogia de Paulo Freire¹⁰ fomentando processos de participação popular criando formas coletivas de aprendizado e análise crítica sobre a realidade aperfeiçoando estratégias de luta e enfrentamento.

A Roda de Afeto é supervisionada quinzenalmente pela Dani Ursogrande, formada em Terapia Ocupacional na USP, Defensora Popular em Direitos Humanos pelo CDHEP e atuou durante 8 anos no NASF Gaivotas. Faz parte da Rede do Fundão do Graja, da Roda de Afeto e Rede de Proteção, da Produtora Cultural Periférica Selo Fértil e do Cineclube Socioambiental "EM PROL DA VIDA".

Realizadora da série Mulheres da Billings junto com a Filmes do Front e do Programa Sobreviventes do Graja. Atualmente faz parte está na articulação de redes de arte, cultura e transformação social; produzindo vídeos e artistas no diálogo entre a produção de saúde e a transformação social; e atendendo em clínica particular, naquilo que chamou de clínica do caos, que tem a finalidade de apoiar processos revolucionários no cotidiano.

Nos encontros são problematizadas as questões trazidas pelas coordenadoras, organizada a agenda de convidadas e estruturados os Projetos de Vida para cada mulher da Roda: encaminhamentos para a rede em caso de violência (UBS, CCM), encaminhamento para o CAPS em casos de adoecimentos agudos ou graves, discussão do caso com a advogada Gabriela, cuidado terapêutico com as terapeutas da Roda ou no plantão psicológico da coletiva Consolidando Saberes, atendimento em naturologia com Flora e Letícia através do Projeto "Adote o cuidado para uma mulher da Roda", apoio da Thata Oliveiros das Colheres de Pau para estruturação de Projetos de Empreendimentos.

Segundo Lima & Castro et al¹¹ valendo-se da arte e de suas produções locais para fomentar diálogos e transformação social¹¹, a Roda como um instrumento de construção coletiva e transformação social se conectou ao Projeto Mulheres da *Billings*, uma série-piloto da Filmes do Front em parceria com o nosso SUS, retrata mulheres do extremo sul de São Paulo, e que têm em comum, além do conhecimento ou a descoberta da dimensão do cuidado como força de luta, transformação, e emancipação em relação a vínculos que restringiam sua ação no mundo. Com episódios interdependentes, interligados pela perspectiva da saúde coletiva e consciência de que ela é manifestação das condições materiais de vida¹², os processos de registro de cada história tiveram a intenção de produzir acolhimento, identificação e transformação de comportamento tanto para as personagens como para as espectadoras.

O encontro virtual é uma ferramenta que possibilita alcançarmos mulheres de muitos territórios próximos ao Grajaú, mas não só, entretanto, o acesso à internet ainda não é um direito para todes, privilegiando-se assim mulheres menos vulneráveis, ao contrário do que é o propósito da Roda a partir da equidade que é atender mulheres que mais precisam de suporte.

Apesar da presença de profissionais de saúde, especialmente trabalhadoras do SUS, ainda há muita resistência das Organizações Sociais de Saúde - OSS, que operam os serviços de saúde no âmbito municipal de apoiar a Roda como uma iniciativa autônoma de cuidado às mulheres do território do fundão do Grajaú. Com isso, não há apoio institucional para que as Agentes Comunitárias de Saúde, por exemplo, possam ocupar a Roda como espaço de cuidado formal e os encaminhamentos que recebemos das UBS ou CAPS são das profissionais que compreendem a Roda como ferramenta.

É visível o adoecimento dos profissionais de saúde do território que a Roda de Afetos atua e suas ausências em espaços de participação popular. Se considerarmos que:

"A mesma forma de organização capitalista do trabalho, implementada inicialmente no setor industrial, se impõe no trabalho em saúde com a mesma carga de intensificação e precarização do trabalho. É desta forma que se compreende a proeminência dos adoecimentos emocionais e psíquicos entre trabalhadores(as) de saúde"¹³.

Logo, a condição de saúde dos trabalhadores do Fundão do Graja, especialmente do SUS, não é individual, mas coletiva, "atrelada às relações sociais na organização do trabalho e no regime de acumulação do capital"¹³, revelando o processo saúde-adoecimento como projeto.

Atualmente, com o trabalho da coordenadora Aline, que também é ACS na cidade de Santo André em São Paulo, utilizando-se da "aliança de afeto"¹⁴, conceito que Ailton Krenak e Marisol de LaCadena utilizaram no Diálogo de Abertura Políticas Cósmicas Seres-Rios Festival

disponível no *Youtube*, estão chegando muitas de suas colegas de profissão, o que significa que a Roda vem cumprindo seu lugar de movimento vivo, acolhedor e criativo.

Outro instrumento de apoio para a Roda, foi o Grupo de *WhatsApp* "Proteção de Mulheres", criado em janeiro de 2021, sendo mais uma ferramenta de divulgação, espaço de troca de informações e afetos entre as 32 mulheres participantes do grupo. Desde sua criação, as conversas são diárias e reforçam o convite para a reunião virtual de segunda-feira. Um olhar mais apurado para o conteúdo apresentado e discutido no grupo de *WhatsApp*, apontou para alguns temas e ações importantes da Roda:

2.1 Divulgação de cursos e eventos para mulheres com foco no tema cidadania e direito da mulher

Foram postagens sobre eventos, cursos, material audiovisual, notícias, compartilhamento de cartilhas e livro sobre temas referentes aos direitos das mulheres, direitos humanos, raça e gênero, violência contra mulher (psicológica, patrimonial e moral), auxílio aluguel para mulheres vítimas de violência doméstica e em situação de vulnerabilidade, como acessar o vale gás, discussão sobre a pobreza menstrual, que apoiou a discussão sobre a oferta de absorventes nas cestas básicas oferecidas pela Rede do Fundão do Grajau. Tais postagens, mantinham o grupo ativo, mostrando possibilidades de participação social que extrapolavam o ambiente da Roda e instrumentalizavam as mulheres participantes através de informações acessíveis, críticas e com qualidade.

2.2 Espaço para divulgação de trabalhos das mulheres que compõem a Roda

A pandemia trouxe o desafio da sobrevivência diante do desemprego, do subemprego e da diminuição do poder aquisitivo da população. Assim, também foram frequentes as postagens referentes a divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres do grupo, divulgação de vagas de trabalho na comunidade, cursos profissionalizantes para mulheres (curso de inglês, confecção de perucas, entre outros) e a construção, ainda em curso, de um projeto denominado "*Compartilhando meus saberes*", no qual uma mulher ensina à outra o que sabe fazer. Ainda houve uma ajuda às mulheres para construção de currículos e de postagens para divulgação de seus trabalhos e produções na internet.

2.3 Espaço de articulação para oferecer apoio financeiro às mulheres em situação de vulnerabilidade.

O grupo também acolheu pedidos de ajuda financeira de caráter urgente, como por exemplo, para apoio às mulheres vítimas de agressão física e moral, cometidas por parceiros e que precisavam se deslocar da moradia até serviços de proteção e acolhimento para mulheres. Também houve uma breve campanha financeira para apoiar participante que vivia situação de insegurança alimentar, compondo um movimento coletivo de empatia e solidariedade entre as "manas" que compõe a Roda.

As mulheres também participaram do Grupo de Trabalho Alimentação, da Rede do Fundão do Grajaú, que teve como uma das ações a arrecadação de cestas básicas e distribuição para famílias em situação de vulnerabilidade social do território.

2.4 Articulação para realização de ações Comunitárias

A Roda de Afetos possui integrantes que vivem em áreas de preservação de mananciais e que são militantes da área de proteção ambiental. Assim, esse tema está presente nas discussões e ações coletivas sendo uma delas a "limpeza das margens da Represa *Billings*", com participação das mulheres da Roda. Também houve o envolvimento das mulheres no Grupo de Trabalho (GT) sobre Alimentação da Rede do Fundão do Grajaú, que teve como um dos objetivos, arrecadar e distribuir cestas básicas para famílias em situação de vulnerabilidade do território, considerando o período mais crítico da pandemia do Coronavírus. Como escreveu uma participante do grupo: "Participo do GT Alimentação e quero aproveitar esse espaço deixar um pedido pessoal, para continuação do GT, pois continuo convivendo com famintos e infelizmente a pandemia não acabou."

Compartilhamento das conquistas individuais e coletivas: “Luciana conta que conseguiu concluir o curso de empreendedorismo no Sebrae”; “Laís conta que chegou seu barco a velas, chamado Vitória e que, em breve, a Roda acontecerá presencialmente num passeio de barco para as mulheres, na Represa Billings!”; “Luciana conta emocionada sobre a formatura do curso de perucas e sente-se agradecida por estar habilitada para mais uma profissão”; “Elaine justifica sua ausência no encontro virtual pois sua filha nasceu!!!!”; e “Faby compartilha com o grupo fotos da filha, recém nascida.”

As participantes da Roda se mostram muito mais conscientes dos tipos de violência que permeiam seus cotidianos para juntas criar estratégias emancipatórias de derrubada do sistema capitalista e patriarcal.

3. Caracterização das Participantes da Roda de Afeto

Através de um formulário online, foi possível mapear e caracterizar as mulheres que compõem o movimento e chegamos aos seguintes dados: Somos mulheres cisgêneras sujeitas periféricas¹⁵ (geográfica, racial, afetiva ou economicamente) acima dos 30 anos, a maioria casadas e com filhos.

Muitas de nós fazem parte de algum outro movimento ou coletivo, são eles: Rede do Fundão do Grajaú, Associação Imagem, Navegando nas Artes, Clandestinas, Noiz Floresce, Movimento Feminista e Fetchista, Hera Artemisul, Mulheres Pela Vida - Coletivo de ativismo e de proteção à mulher de Paraty, Fórum de Cultura do Grajaú, Nós por Nós, Rede Afetiva da Ilha do Bororé e Selo Fértil.

Gráfico 1. Caracterização das mulheres participantes da roda por raça.

Como você se auto-declara:
14 respostas

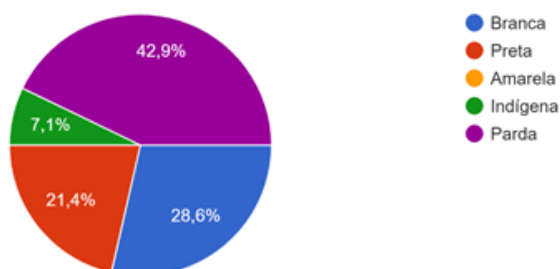


Gráfico 2. Experiência de situações de violência entre mulheres da roda.

Você já sofreu ou sentiu que sofreu algum preconceito por ser mulher?
14 respostas

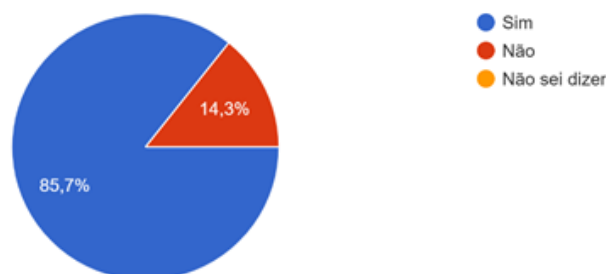
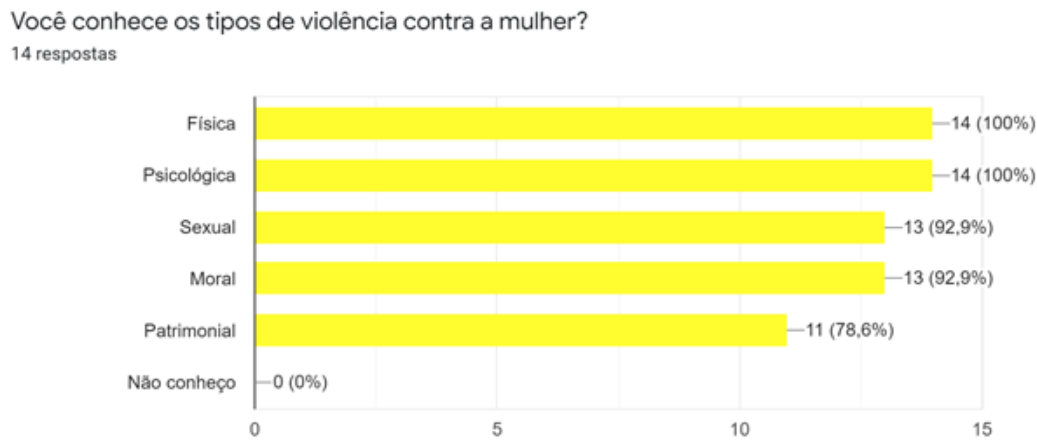
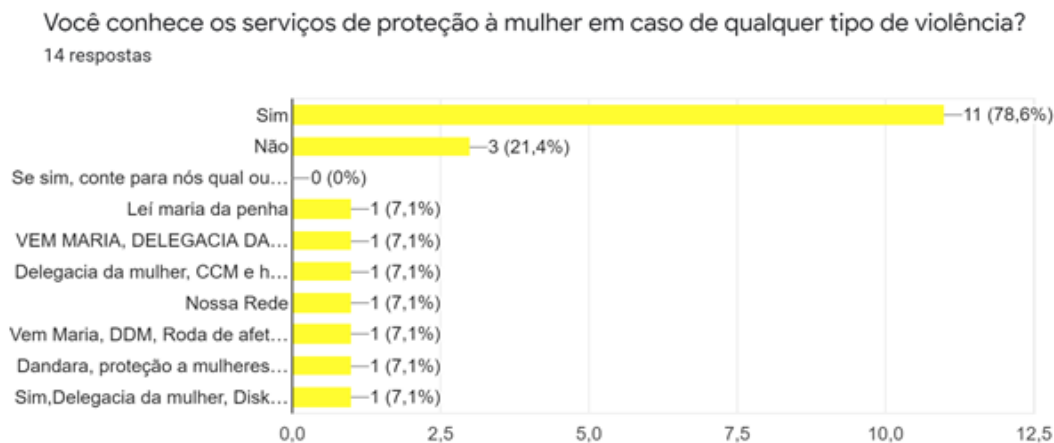


Gráfico 3. Compreensão sobre os tipos de violência existentes.**Gráfico 4. Reconhecimentos dos serviços de proteção à mulher.**

Quando se perguntou no Mapeamento “quem você compreende que é sua Rede de Apoio”, as respostas foram: familiares (alguns), amigos, participantes da Roda, a Associação Imargem (local onde a Roda acontece fisicamente), a música, a conexão com o sagrado e a natureza. Isso nos indica que os espaços institucionalizados que seriam esperados como Rede, não parecem.

Sobre a compreensão das violências, Nicole nos ajuda a desnormalizar o que era chamado de amor como violência:

A gente foi normalizando, normalizando, dando status de natural para coisas que não são. Quando eu comecei a atuar no Atreva-se, eu pensava que o afeto saía e a violência entrava. Ou seja, que eles se exerciam em momentos diferentes. E, infelizmente, eu aprendi que não. Eu aprendi, com muita dor no coração, que, muitas vezes, a gente nomeia violência, descaso e abuso como afeto. Infinitos espaços de violência são nomeados como afeto. Então, quando uma mulher, especificamente, está vivendo uma relação abusiva, é muito complexo retirá-la desse lugar. É difícil para qualquer pessoa. Quando se fala de uma relação abusiva, não é só sobre violência, é sobre afeto também. Abrir mão da violência é fácil, o difícil é abrir mão do afeto. Esse espaço da violência é um espaço legitimado porque o espaço do poder é um espaço legitimado. E a violência é uma representatividade do poder. Então, quando se atua dentro do poder, pode-se usar violência, porque essa ferramenta está ao alcance. O patriarcado capitalista é perverso e oferece ferramentas de controle coerentes com essa perversidade. A violência é uma das

ferramentas de controle e está ao alcance de todos no mundo. Só que alguns corpos portam melhor essa ferramenta. Em alguns corpos cabe mais essa ferramenta que em outros corpos, é esperado que o pai bata e a mãe acolha, mas é possível que a mãe bata. Então, a relação de violência e afeto permeia todas as nossas esferas de relação. Não só a relação romântica, do amor romântico. E a culpabilização da mulher, ou da criança, que apanha porque aprontou, é algo que torna a violência ainda mais palatável⁸.

Bell Hooks¹⁶ em seu livro "Tudo sobre o amor" propõe pensar o amor não como sentimento, mas como ação e cunha o termo "ética amorosa" que nada tem a ver com o amor romântico, mas como um afeto polifônico, com mais consciência de si, do outro, do coletivo. Um modo de obtermos maior controle sobre as violências que nos atravessam.

E é Lélia que sustenta que quando se trata de violência, o negro, o pobre, mas sobretudo a mulher negra que o racismo revela suas características mais perversas⁷. Ancoradas no enegrecimento do feminismo e atentas à profunda desigualdade que atinge as mulheres negras afirmamos que este é nosso sul¹⁷

4. Considerações Finais

Lista:

1kg de f* tudo que eu tenho para fazer e vamos para a Roda

1 cabeça de empatia

2 maços de acolhimento

1 porção de raiva

1 tanto de bom humor

1 boa porção de amor próprio

1 pitada de acidez

5 kg de lazer ao ar livre

1 maço de te(n)são

3 porção de orgasmo

1/2 kg de raiva

1 cabeça de calma

5 garrafas de reciprocidade

Tudo isso regado a bastante pensamento crítico.

Foi desafiador organizar o pensamento para a escrita em várias mãos. Mãos de mulheres calejadas dos trabalhos domésticos e do sustento do corpo que se apoia em corrimãos. Fomentando a nossa sabedoria, de contos de causos, pouca leitura e muita palavra de uma observação apurada da vida. Derrubar as barreiras para escrever como falamos sustentando um projeto revolucionário como nos ensina a mestra Conceição Evaristo, a partir do seu conceito de "escrevivência"¹⁸ contar histórias que foram silenciadas.

Nós, mulheres organizadas a partir de interesses e afetos comuns construindo ferramentas para ações comunitárias com base na solidariedade ativa, sendo referenciadas por uma prática de educação popular em saúde feminista, agradecemos nossas ancestrais que nos trouxeram até aqui. "E quem criou a narrativa que rege as nossas vidas no dia de hoje?"¹⁸

Escrevivências, "A Minha História Conto Eu"

"Era um jogo que eu fazia entre a palavra "escrever" e "viver", "se ver" e culmina com a palavra "escrevivência". Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande." 18.

Olhos e ouvidos atentos às histórias das mais velhas, as que vieram antes de nós, as que pariram o SUS. Na companhia das mulheres para pensar, o ato de escrever, a força das palavras, da memória e a disputa de narrativas na luta pela vida. Partindo das desigualdades vivenciadas na pele, cravadas no corpo de nós mulheres, todas as experiências compartilhadas nas dores e alegrias é o que nos propomos a escrever sobre nossas histórias.

Fragmentos de vida comum, nem heroicas, nem exemplares, percursos a partir de um recorte de gênero, raça e classe. Um movimento de sujeitas periféricas que se organizam, estuda e se cuida como armas para derrubar o sistema. A gente inventa saídas.

Meu nome é **Laís Guimarães Ferreira**, tenho 25 anos. Educadora social e ambiental. Estudante de Educação física. Filha de dois nordestinos. Irmã da Nany, Vini e do Junior. Tia do Henry e futuramente da Luiza ou Henrique. Dona de dois veleiros e amante da natureza. Sou nascida e criada no extremo sul de São Paulo, Grajaú. No bairro Chácara, desde da minha infância cresci no meio da criminalidade e violência. Mas aos 8 anos de idade pude fugir dos monstros da minha família, comecei a velejar na Represa Billings, o maior quintal de São Paulo.

Se passaram muitos anos e o espaço que me servia como escape fechou, então tive que ser adulta e aprendi a cuidar dos meus irmãos para os meus pais poderem trabalhar. Aos quinze anos comecei a trabalhar no *MC Donald 's*, lá eu passei várias experiências loucas, até mesmo a descoberta que por conta dos atrasos na escola eu poderia repetir de ano então optei por seguir na escola e sair do trabalho escravo.

Passaram vários anos e eu entrei em diversos namoros imaturos que me deixaram marcas e feridas e também trabalhos dolorosos. Em 2017 tive depressão e fiquei inúmeros meses sem dormir e sem vontade de fazer nada. Acreditava que poderia ser meu fim, era uma tristeza do tamanho do oceano. Na época eu trabalhava como auxiliar administrativa de uma rede de salões no centro de São Paulo. Até que um dia eu decidi abrir mão de tudo, mesmo sabendo que poderia ser difícil ficar sem renda mesmo morando com os meus pais eu sempre ajudei com as contas.

Mas eu tinha que cuidar de mim, não aguentava mais aquela solidão e sabia que o trampo tinha algumas parcelas nisso. Então conheci um coletivo que promovia vivências náuticas no Grajaú. Parecia o mesmo projeto da minha infância, mas era real. Eu poderia voltar a velejar e então eu voltei.

Após a navegada eu descobrir que queria ser educadora e ambientalista que o meu maior sonho estava do meu lado o tempo todo, eu só não tinha visto ainda. No ano de 2018 eu conheci a Dani, que virou minha terapeuta ocupacional, após uns 7 meses na fila do atendimento do SUS para ser atendida por um psicólogo, eu tive a consulta com ela e falei sobre o que aconteceu e que eu já estava melhor e que mesmo com várias feridas a solidão já não gritava tão forte.

Então ela me chamou para Rede do Fundão que tinha trabalhos com mulheres e que eu poderia ser uma parceria através do esporte e da Arte, de lá pra cá eu não deixei de desenvolver atividades junto com ela e outras manas do Grajaú.

Já tivemos inúmeras vivências e hoje eu entendo que as minhas feridas hoje são caminhos para outras mulheres, que hoje eu sendo uma das coordenadoras do Roda de afeto e Proteção de mulheres. Entendo os propósitos da vida e que meus atos de justiça para aliviar as dores da minha vida são meios de movimentar transformações em outras vidas, que através das águas e dos meus cuidados com o mato e pessoas, podemos fazer movimentos magníficos e que o nosso

passado não é maior do que aquilo que podemos fazer para o nosso futuro. Então como eu sempre digo: "*Pau na vela!*"

Me chamo **Aline Farias da Silva**, tenho 32 anos, sou mãe de duas filhas maravilhosas, sou filha de Maria e irmã de Alex e Gabi, sou namorada do Napoleão e motorista do DUFF (carro que me possibilitou conhecer vários lugares incríveis). Nasci em João Pessoa, na Paraíba, porém sou moradora da cidade de Santo André em São Paulo desde setembro de 1998.

Mainha veio pra São Paulo em busca de uma vida mais digna para meu irmão e eu, como a maioria dos nordestinos que não são bem agraciados pela terra onde nasceram ou pelas políticas públicas ineficientes daquelas bandas. Ao chegar em São Paulo meu irmão e eu crescemos e começamos a sonhar, começamos a descobrir que existia possibilidades de vida para além de uma vida difícil nos cantos afastados da cidade, meu irmão entrou na faculdade virou professor, eu também entrei na faculdade e virei psicóloga, de uma família grande e de várias gerações, somos os únicos com graduação universitária, o que nos fez aguçar ainda mais nosso senso de justiça, meu irmão se recusa a ir pra educação privada, eu, como trabalhadora e defensora do SUS há 10 anos, num arredo o pé de trabalhar, defender e lutar pela população que mais precisa.

Em 2018 me vi uma mãe solo, terminando a faculdade, cheia de sonhos com a profissão e desafios na nova rotina, viver o preconceito diariamente como mulher é bem difícil, mas fui descobrir que viver o preconceito como mulher e mãe solo eram bem piores, todas essas adversidades me fizeram ter raiva de uma sociedade maldosa, adoecida e misógina, o que me direcionou a pessoas que também não gostavam nada desse tipo de sociedade e que gostaria de algum modo mudá-la.

A convite de uma amiga querida e ser humano iluminado, cheguei na Roda De Afeto em fevereiro de 2020, o convite era para ser coordenadora da Roda, mas logo no primeiro encontro percebi que ali eu não iria apenas coordenar, ali eu comecei a ser acolhida, a aprender, a ser protegida, a dar risada e a chorar num colo simbólico. É impossível entrar nessa Roda e não sair de lá se sentindo uma mulher fortalecida, uma mulher potente, uma mulher mais bonita.

Essa Roda de Afeto me afeta e me mostra todas as cores e luzes das mulheres que dela participa, mulheres com suas histórias tão particulares, tão cheias de vida, tão rica de força e sensibilidade, mulheres que potencializaram em mim a sensação que a proteção se faz no coletivo e que o sorriso é bem mais bonito quando é compartilhado.

Em 2021 ouço uma música que escolhi como mantra, pra eu não esquecer nunca da mulher que sou, a música se chama "Hoje Eu Sei" da Vanessa da Mata, um filme que eu gosto e que mostra de forma bem objetiva o machismo que vivemos é: A tenente de Cargil, e um livro que eu indico pra todas as mulheres que conheço e que quando há a possibilidade, dou de presente é: Mulheres que correm com os lobos.

"*Filha, não esquece de fazer a limpeza da casa, coloca as roupas no varal e cuidar dos seus irmãos.*" Sou a **Elaine**, 37 anos... nasci em São Paulo (mas minha mãe veio da Bahia grávida de mim) eu me considero baiana. Sou mãe de 4 filhos gerados por mim, mas já trabalhei com crianças e adolescentes e destes também tenho vínculos como mãe! Tenho um companheiro que vivemos e convivemos há 15 anos e nosso relacionamento vive em construção, temos um relacionamento bom!

O que me levou a Roda foi às vezes me sentir perdida na educação dos meus filhos, chegando até a usar formas agressivas (método que não concordo) quando cheguei fui acolhida pela Lia e Laís e nesta época também parece que eu não tinha mais nenhuma meta como ser humano único, sem sonhos e perspectivas eu só sabia que era mãe, e eu tinha que dar conta disso...algumas lembranças da infância me faz ter algumas crises de ansiedade por isso sempre que não me sinto bem eu procuro ajuda!

Venho de uma família de 5 filhos sendo 3 com problemas de saúde, eu com 5 anos ajudava a mãe a cuidar da minha irmã que era deficiente (Devido a mãe ter toxoplasmose na gestação) minha mãe me colocava pra alimentar minha irmã e lembro que não tinha paciência por que eu queria brincar, e falar disso não me faz sentir bem, quando eu tinha 8 anos e minha

irmã 4 ela veio a óbito devido a uma pneumonia...ver meus pais chorando mexia muito comigo e eu me culpava, acreditava que aquela morte foi culpa minha, por não alimentar ela de maneira correta, pois por várias vezes eu tomava a mamadeira dela com ela por que as mamadas dela eram demoradas (hoje olhando como mãe, acredito que minha mãe tinha depressão) pois muitos comportamentos dela eram estranhos!

Meu pai é alcoólatra em tratamento. (mais de 20 anos sem beber) mas minhas lembranças com ele são de agressão. Todas as vezes que ele bebia, ele me batia, várias vezes fui espancada por ele e essas agressões se estenderam até meus quase 16 anos (minha infância foi cercada de muitas tristezas e ressentimentos).

Terminei o ensino médio, hoje sou manicure formada curso que consegui através da roda...atuei em salão na área nobre de São Paulo..., mas hoje meu plano é poder passar o que aprendi para outras mulheres (gosto de cozinhar para família e amigos) e faço alguns artesanatos mas não tenho muita paciência com essa arte.

Meu desafio como mulher e mãe é conseguir fazer essa divisão de que sou um ser humano para além da maternidade, que preciso de cuidados, de atenção, eu tenho medo de não conseguir mudar algumas condutas em mim que não aprovo na maneira de educar meus filhos e também não quero gerar traumas tão profundos neles como os que carrego.

Livros eu já li muitos, mas nos últimos anos perdi o hábito. Gosto de músicas que me acalmam (não tenho uma preferida em específico). Filmes o último que assisti é uma realidade mais próxima do que vivemos foi: Juanita.

Me chamo **Suellen Gonçalves**, mas todos me chamam apenas de "Su". Sou uma mulher de 25 anos do extremo Sul de SP, mais precisamente, da região do Grajaú. Estudei em escola pública durante toda a vida. Minha cadeira de rodas, curiosamente, me trazia certa popularidade lá, todos queriam me levar (risos). E sim, de lá, de dentro da rede pública de ensino da periferia, sem qualquer acessibilidade para uma Pessoa com Deficiência como eu, que ainda nem tinha consciência da própria existência enquanto pessoa com deficiência, fui para a Universidade cursar Publicidade e propaganda, em 2013. E adivinhem? A acessibilidade só existia na teoria, com alguns elevadores e escada rolante, à qual eu tinha que recorrer com a "ajudinha" dos bombeiros, sempre que os elevadores quebravam. E lá se foram 4 anos. Nesse meio tempo, em 2017, surgiu meu canal na internet, chamado Menos Monotonia, onde falo sobre Vivência PCD, inclusão, acessibilidade etc.

Ano passado, veio a pós-graduação EaD (realidades pandêmicas) em Marketing Digital, área que eu amo. Ah! Trabalhei de 2018 até o início de 2021 em uma ONG chamada Comunidade Cidadã, também no Grajaú. Eles idealizaram o Projeto Entra na Roda, visando a ocupação dos espaços culturais de São Paulo por pessoas como eu, com algum tipo de deficiência.

Com a pandemia, adaptamos e concentramos todo o projeto em um canal, que eu apresentava paralelamente ao meu, entrevistando artistas PcD's e trazendo assuntos concernentes. E foi isso que me conectou ao meu propósito: lutar contra o capacitismo através da informação. E acredito que tudo isso meu trouxe até a Roda de Afeto, através dessas conexões. Aliás, quem fez essa ponte foi minha tia Lia. Agora, é mais um lugar onde posso expor meu olhar sobre a mulher com deficiência e, muitas vezes, seu apagamento na sociedade, nas estatísticas -até mesmo nas estatísticas de violência- e nos espaços como um todo.

Tá, vamos lá! Sobre minha vida pessoal, nasci com uma má formação medular chamada Mielomeningocele, que afetou as partes motora e urológica do meu corpo. Segundo os médicos, eu mal passaria dos 18 anos e se sobrevivesse, seria vegetando em cima de uma cama... E cá estou! Entre salas de cirurgia e fisioterapias foi onde passei boa parte da minha vida. Sou filha única, o que significa que já lidei bastante com dupla superproteção em casa. Mas acredito que sempre lidei com tudo isso de forma a não atrapalhar minhas relações, inclusive as amorosas, que ainda são tabus, até quando, mesmo a comunidade julga nossas escolhas, quando nos relacionamos com alguém que não tem a mesma vivência, enquanto a sociedade, em geral, julga a escolha da pessoa sem deficiência que "se submete a esse tipo de relação e suas limitações".

Ser mulher com deficiência é estar, às vezes, no papel de coadjuvante da própria história, enquanto seu parceiro ou parceira é herói/heroína por estar com você, mas ninguém sabe o que se passa nos bastidores daquela relação. Ser mulher e pessoa com deficiência e se relacionar, sair de casa, existir e se mostrar pro mundo é um ato de resistência.

Para finalizar, com minhas recomendações pessoais: Assistam “Crip Camp¹”, “Colegas” (que é um filme brasileiro com atores que realmente tem deficiência e não apenas representam), Forrest Gump e Intocáveis, e procurem filmes em geral com protagonismo PcD. Recomendo também a leitura de “Dormindo com o Inimigo – A Guerra Secreta de Coco Chanel”.

“**Tia Marilza**”, assim é conhecida na Roda de Afetos e na ONG onde é professora voluntária de artesanato para crianças. Aos 45 anos tem história para contar. Sergipana, mãe de cinco filhos, começou a trabalhar na roça aos 12. Aos 16, na tentativa de fugir das agressões do pai, (ou padrasto?) foi morar com seu primeiro companheiro, pensando em ter uma vida melhor. Daí foi ilusão atrás de ilusão. Sua filha mais velha, hoje com 24 anos, perdeu o pai ainda criança por morte violenta. Marilza se viu só, com a responsabilidade de criar a filha sozinha. Num relacionamento posterior, teve outros dois filhos, hoje com 17 e 14 anos. O pai dos meninos não se responsabilizava pelo cuidado da família, os conflitos eram frequentes. “Dei desprezo pra ele” e ele foi embora.

Novamente Marilza estava sozinha, sem apoio financeiro e afetivo para cuidar das crianças. Lembra que trabalhava, recebia 700 reais e pagava 400 de aluguel. Saía preocupada para trabalhar e deixava as crianças sozinhas em casa. E como trabalhava! Já foi doméstica (conta que ganhava 30 reais por mês, levando bronca dos patrões!), trabalhou em linha de produção, auxiliar de cozinha, vendedora e até jogo do bicho fez, sempre com a preocupação de pagar o aluguel da casa. Em São Paulo há 28 anos, foi tia Maria, irmã de seu pai, que lhe ensinou a fazer artesanato: flores de papel, de EVA, e assim, “pegou gosto pela coisa”. Marilza teve uma vida escolar cheia de percalços, pois lembra que seus pais “não paravam em lugar nenhum”, sempre de mudanças entre São Paulo e Sergipe, buscando oportunidades para sobreviver. Conseguiu terminar os estudos na vida adulta através do supletivo.

Marilza conta que sempre foi inquieta e não conseguia ficar sozinha. Conheceu o pai de seu quarto filho, um homem muito adoecido, que tirou a própria vida, antes do bebê nascer. Ela fala com muita tristeza desse momento, porque novamente se viu sozinha, julgada negativamente pela comunidade. Pensou em não prosseguir com a gestação, mas conheceu o atual companheiro, que “me apoiou, cuidou de mim”. Com ele, segue a vida nos dias de hoje. Tiveram o quinto filho, que tem quatro anos de idade.

A participação na Roda de Afeto foi inesperada! “Foi a Laís que me convidou e hoje as meninas da roda são minhas amigas”. “Eu aprendi muito na vida, aprendi a analisar as pessoas, a dizer não, a ser mais firme, aprendi bastante coisa!” Seu grande sonho é um dia ter um cantinho de terra para plantar, colher e criar! Ter um atelier de artesanato, que é a atividade que mais lhe dá prazer. Ah, também quer se casar na igreja, pois sente falta da bênção religiosa de sua união. Sobre músicas de sua preferência, citou a banda Biquini Cavado: “Vento ventania, me leve para as bordas do céu”; Eu vou puxar as barbas de Deus! Citou a música Fogão de Lenha que a faz lembrar de sua mãe, que está muito adoecida em Sergipe e a música de Carmem Silva, meu velho pai, lembrado pela brabeza, mas também pelos sofrimentos que a vida lhes impôs.

Sou **Karin Freitas**, tenho 38 anos, mulher lésbica e psicóloga de formação. Meu contato com a roda de afeto aconteceu por meio de um curso em que eu estava participando e tinha como atividade de extensão a roda de afeto e vários outros cursos. Então, como quando me apresentei na roda, digo o mesmo aqui: “não fui eu quem escolhi a roda de afeto, foi ela quem me escolheu/acolheu”. E por que digo isso? Digo porque naquele primeiro encontro que participei da roda, fui envolvida por um afeto que nem eu sabia direito que estava precisando. Ouvir histórias de outras mulheres narrando suas dores e expondo aquilo que na maioria das vezes é difícil falar, me fez refletir a minha própria história de aceitação. Infelizmente, muitas são caladas pelo próprio grito e por um sistema que não permite a reprodução de vozes minoritárias. A roda de afeto me levou e leva a uma experiência única, onde toda segunda-feira, me esforço para estar presente, junto com todes, apesar de algumas vezes o trabalho me impedir. Escrever um

1

pouco sobre essa experiência me fez repensar vários momentos que me marcaram na roda, um deles é quando vejo as participantes fazendo o possível para estar presente, seja de dentro do ônibus ou buscando acesso de conexão de internet. Outro momento é a união visível através da prática, para ajudar uma mulher quando ela precisa de conforto, instrução e "vozes". Sabe, aquele momento em que você está buscando algo e de repente o universo te manda um presente, então, a roda de afeto chegou assim para mim. Foi onde encontrei mulheres sensíveis, que querem aprender e ensinar, que querem ser ouvidas e acolhidas, em um espaço onde podem dividir o cansaço das batalhas. A minha experiência com a roda de afeto também é partilha, alegrias, conquistas, músicas que contam histórias e muitos sonhos possíveis.

Sou a **Angela Costa**, tenho 42 anos, divorciada. Mãe de dois rapazes de 16 e 22 anos. Empreendedora da Matilha de cães já aproveitando a deixa, meu *Instagram* é *Matil_Iha 01* onde tem toda a minha história e reencontro após anos afastada da profissão, por causa da indiferença e o machismo.

Estudante de Artes após 10 anos de ter iniciado e ter sido obrigado a desistir do sonho, por ter me divorciado e estar desempregada. Conheci a roda de afeto através da rede do fundão que quem me colocou foi meu parceiro e confidente, Paulo Cruz. E para ser sincera foi tudo tão rápido que nem sei ao certo como fui parar na Roda.

Sou considerada na roda a faladeira da turma, porém não foi assim quando entrei. Meus primeiros encontros nem tinha coragem de abrir a câmera por vergonha, e participava apenas como ouvinte. Mas aos poucos fui me soltando, me encontrando em cada história compartilhada, em cada lágrima derramada e cada sorriso dividido.

Hoje não consigo ficar sem ver ou saber como está cada uma. Nunca tive irmãs, sou a única mulher em casa e quando falo a única é a única. Então a Roda para mim como mulher foi um resgate de autoestima e aqui é como se todas fossem um pouquinho irmãs. Umas chatas; umas gostosas; umas sérias; umas acanhadas..., mas todas juntas se tornaram um pouco de mim. Parei que vou chorar!

Eu sou **Fabiana**, mãe e educadora no Projeto Navegando nas Artes, fui convidada a participar da roda de afeto pela Laís Guimarães logo que iniciei na ONG.

A Roda de Afeto e seu bem. Eu sempre digo que estar na Roda é estar em uma sala sem julgamentos, onde somos amigas, compreendidas, podemos falar e não vamos gerar discussões ou acusação, é onde me desabafo quando estou triste e preocupada e onde vejo que talvez ainda possamos ter um mundo melhor, eu aprendi muito com depoimentos que vi, eu falo que é minha terapia, desde que fiquei desempregada a rotina repetitiva acaba comigo mas elas me ajudam sempre que me sinto mal com isso, quando acho que perdi a minha identidade, com elas aprendi a ser forte e expor o que não me agrada, quando as pessoas falam, são os amores da minha vida, e cada segunda feira, é uma nova experiência eu amo cuidar das pessoas e poder fazer isso e ainda ser cuidada é uma benção.

"Filho não esqueça a lição de casa, tem comida na geladeira só esquentar. Naldo (esposo) coloca a roupa no varal." Levamos anos para amar alguém de verdade. Então não esqueça, se ame a vida inteira.

Meu nome é **Thalita**, tenho 33 anos, sou casada, tenho 5 filhos sendo um deles um anjinho lindo. Conheci a Roda através da minha amiga Elaine, pois estava passando por um momento difícil durante esse ano de 2021. Não posso dizer que sou machista, mas tinha um pensamento fechado e antiquado de como uma mulher deveria ser. E essas coisas foram quebradas através das reuniões. Entender que somos livres das nossas escolhas. Que podemos e devemos ser o que queremos ser, parar de enxergar o mundo na limitação que mulher é somente para a "casa".

Como pequenas reuniões podem mudar a visão que temos de tudo, e na Roda durante as apresentações eu pude perceber que existe mais que um mundo limitado para as mulheres. E podemos e devemos ser mais que princesinhas que disputam um "casamento". Enxergar que precisamos ter mais empatia não por si mesma, mas por todas nós. Eu pude ter o prazer de aprender, mas ainda existem outras que não tiveram esse privilégio. E entender que não podemos nos calar diante do que outras mulheres vivem.

A Roda é mais que uma conversa aleatória, eu aprendo através da vida de cada uma e assim eu pude mudar os meus pensamentos. "Mãe, deixei comida para você no forno, coma e descanse. Filho, não se esqueça dos signos de poder que seu corpo carrega não os usufrua. Ah, quem tiver tempo tira a roupa da máquina!"

Eu sou **Nicole Aun**, ativista feminista pelo Movimento Atreva-se e fui convidada pela minha amiga e parceira nova de lutas antigas, Dani Ursogrande, para participar da Roda de Afetos das mulheres do Grajaú. Participar de uma Roda de Afetos é como brincar de ciranda.

Quando fui convidada fiquei com a ansiedade de criança quando não sabe quem vai estar, quem vai querer brincar e se minha brincadeira vai ter adeptas! Chegar na roda é como chegar no primeiro dia de aula em uma escola nova, olhos atentos, desconfiados, ansiosos. Os de lá e os de cá!

Respiro fundo, finjo coragem, (fingir coragem está entre as brincadeiras que mais me salvaram nessa vida) e me apresento. No meio da minha fala percebo que desperto curiosidade, arranco alguns sorrisos e eu, criança que gosta de ser vista que sou, percebo a audiência e disparo, como num carrinho rolimã desenfreado descendo a ladeira.

Conto todas as minhas aventuras, como descobri a quantidade de mentiras que nos contaram para nos subjugarem (além de fingir coragem eu brinco muito de descobrir as mentiras do patriarcado capitalista e saio por aí espalhando para quem quiser ouvir), conto das minhas peripécias em espalhar os segredos de quem nos oprime, falo mal das princesas, arranco gargalhadas e alguns choros, eu choro também mas sigo fingindo coragem...

Minhas novas amigas se lembram de suas histórias, a ciranda começa, as músicas mudam, os ritmos se alteram, às vezes a diversão é tanta que dá vontade de guardar um pouquinho para depois! Toca o sinal, o recreio acabou e eu nem me dei conta, a brincadeira estava apenas começando! As mulheres da Roda de Afetos do Fundão do Grajaú hoje brincam comigo e com elas eu parei de fingir coragem para ganhar coragem!

Meu nome é **Maria de Fátima Oliveira**, conhecida carinhosamente por Lia, tenho 56 anos, sou Assistente Social, trabalho no Fundão do Graja. Sou viúva, tenho dois filhos maravilhosos, o Rafael e a Renata que me trouxeram mais filhos... a Marcela e o Paulo e dois netos lindos Maria Luíza e Murilo.

Meu sonho desde muito jovem era ser uma Assistente Social, porém na família maravilhosa que eu nasci os jovens não tinham a opção tão real que existe hoje de cursar uma faculdade, e isso fez com que eu só entrasse na faculdade aos 43 anos, quando meu filho já cursava o segundo ano dele...

Recebi do meu marido, meus filhos e companheiros e minha prima Monaliza uma força imensa pra eu ir pra faculdade, foi incrível! Nessa época eu já trabalhava na Saúde Pública como Agente Comunitário de Saúde, logo que entrei na faculdade passei em um processo seletivo para Auxiliar Administrativo e assim finalizei minha faculdade no final de 2011.

Trabalhar com famílias e comunidade já estava no meu sangue... na minha alma... em julho de 2012, depois de passar em outro processo seletivo, inicio minha carreira como Assistente Social na região do Grajaú e tem início uma história de amor com as mulheres em situação de "vulnerabilidade" por várias questões. No mesmo ano a terapeuta ocupacional Dani Ursogrande chega à equipe e revoluciona as atividades coletivas e aquilo contagia quem estivesse por perto. Em 2014 recebemos Jaqueline, uma psicóloga *top*, que também me ensinou muito, e nasce o grupo de mulheres na UBS do Jardim Gaivotas, dois anos depois transferimos o grupo para o CEU Navegantes, agora como referência, eu e Dani e com o nome de "Grupo de Mulheres: Rede de Proteção", daí muitas coisas maravilhosas aconteceram e contamos com muitas pessoas incríveis trazendo para o cuidado, momento de muito afeto e fortalecimento para as nossas mulheres periféricas, marcadas pelas dores da vida no corpo e na alma, música, dança, vivência no palco do teatro, yoga ao ar livre, passeios, oficinas de artesanato, momento massagem, rodas de conversa.

Tudo cheio de amor, respeito e parceria com objetivo de ocupar espaços, fortalecer e empoderar mulheres vítimas da crueldade de uma sociedade machista, de uma realidade dura e sem conseguir enxergar possibilidades. Com a chegada da pandemia, várias coisas aconteceram e uma das mais tristes pra mim foi o cancelamento das atividades coletivas, então são suspensos os grupos de mulheres, idosos e todos

Os outros..., mas a semente que se planta com amor sempre florescerá. Na pandemia a violência e a precariedade se estrondam e um grito mudo se trava na garganta das nossas mulheres, a violência aumenta e escancara a gravidade dessa realidade, e essas mulheres maravilhosas. Laís Guimarães com apoio da Dani Okuma dão início a Roda de Afeto online, fantástico!

Hoje ainda não podemos realizar nossos grandes grupos, mas aos poucos estamos voltando e a Roda de Afeto - é nossa referência para encaminharmos nossas manas vítimas da fragilidade que assombra as mulheres especialmente nas periferias como é o nosso Fundão do Graja. Me sinto extremamente grata por tudo que essas vivências me trouxeram e continuo olhando com muito amor para as dores dessas pessoas. Se a boca cala o corpo fala. O corpo grita e nós estamos aqui pra ajudar a liberar esse grito e curar esse corpo. Sou só gratidão!

"Filha, não esquece que tô na luta para mudar este mundo para você" Sou **Gabriela Sequeira Kermessi**, tenho 35 anos, mãe do Samuel de 4 anos e advogada especialista em Direito das Mulheres e das Famílias. Nasci e fui criada em São Paulo capital, hoje meus pais e irmãos moram em cidades diferentes, mas dentro do possível estamos sempre juntos, o vínculo é forte e mantemos a única viva todos os dias.

Divorciei em 2019, depois de 9 anos juntos, porém tenho privilégio de o pai do Samuel exercer uma paternidade ativa e presente, sempre próximo exercendo sua função e também temos uma excelente amizade e parceria. Samuel é autista leve, todavia demanda tratamento terapêutico diário e isso tem sido prioridade em nossas vidas apresentando resultados rápidos e gigantes!

Minha rotina é maluca, todos os casos que atuo são urgentes então a presença paterna para cuidados com Samuel é muito importante, alguns familiares também auxiliam bastante sabendo que hoje atingi um estágio na carreira que lutei muito pra chegar, mas para dar continuidade em conjunto com as demais demandas preciso de auxílio. Por conta da complexidade e gravidade dos casos que atuo, além da rotina com filho, casa, alunos e projetos vêm fazendo tratamento psicoterapêutico para controlar a ansiedade é demais reações psicológicas, a responsabilidade pela vida das mulheres, meninas e crianças é uma prioridade muito grande na minha vida e isso acaba por me cobrar demais.

Cheguei até a Roda a convite da Dani, uma pessoa de luz intensa e coração acolhedor. Idealizamos várias pautas a serem aplicadas sempre priorizando o acesso a informações para mulheres e meninas em situação de vulnerabilidade e/ou violência. O trabalho também se atenta para levar conhecimento sobre temas rotineiros nas vidas de todos não, abrangendo ainda questões patrimoniais, empreendedorismo, vida sexual... o acolhimento é regra primordial na roda e assim se torna um ambiente seguro e de força, onde nos ouvimos e compartilhamos dos desafios e alegrias para seguir em frente ante as diversidades.

Acredito que só a educação, afeto, acolhimento e união das mulheres podem mudar nosso cenário de violência, invisibilidade e restrição de direitos, não há outro caminho!

Minha força diária e receber retornos positivos do trabalho desenvolvidos nos processos, palestras, aulas e rodas de conversa, saber que alguma informação repassada pode salvar a vida de alguém me faz ter forças pra seguir, entregar direito de alimentos a uma criança necessidade nos impulsiona a continuar lutando pelos nossos princípios, enfim, saber que meu conhecimento, trabalho e estudo incessantes podem mudar a realidade de uma mulher, mãe, meninas, criança, pessoa é meu combustível diário!

Proporcionar conforto e novas experiências aos meus pais, avós e meu filho é resultado das conquistas profissionais sendo assim mais um motivo para não desistir. Um filme que recomendo é "Doutor Gama", livro "O conto de Aia" e música "Pra Ela" Liniker. Contem sempre comigo.

Referências

1. Prefeitura de São Paulo, Urbanismo e Licenciamento. A dinâmica do IDH-M e suas dimensões entre 2010 e 2010 no Município de São Paulo. Novembro de 2017. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Informes_Urbanos/29_Dimensoes_IDH-M.pdf Acesso em 02/10/2021.
2. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria do Estado do Meio Ambiente. Instituto Florestal do Estado de São Paulo. Proposta para criação de unidade de conservação no entorno do reservatório Billings. <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/2017/12/billings-final-maio.pdf> Acesso em 01.10.2021.
3. Prefeitura de São Paulo. Coordenação da Atenção Básica. Secretaria Municipal de Saúde. Prefeitura de São Paulo. Linha de cuidado para a atenção integral à saúde da pessoa em situação de violência. São Paulo, 2015. [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/baixacartilhaviolencia\(1\).pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/baixacartilhaviolencia(1).pdf) Acesso em 05/10/2021.
4. Antunes JR, et al. Grupo de mulheres na atenção básica: sistematização de uma experiência de cuidado. 2019. https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/564863/2/Grupo%20de%20mulheres%20na%20APS_ Acesso em 04/10/2021.
5. Ursogrande D, Almeida BC. Mulheres da Bilings: EVA Episódio 1 Estratégias das Margens Matriarcais. 2020. Filmes do Front. <https://vimeo.com/420868777> Acesso em 09/09/2021.
6. Ursogrande D, Almeida BC. Mulheres da Bilings: Karens Episódio 2 Estratégias das Margens Matriarcais. 2020. Filmes do Front.
7. Gonzalez L. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar. 2020. 376 p.
8. Aun N. Nomear para Combater: uma tentativa de organizar a raiva para virar pensamento. São Paulo: Claraboia, 2021. 102 p.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de educação popular e saúde / Ministério da Saúde, Secretariado Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa - Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
10. Freire P. Pedagogia do Oprimido. 25ª Ed. (1ª Edição 1970) Rio de Janeiro: Pão e Terra. 107 p.
11. Lima EE, et al. Interface, arte, saúde, cultura: um campo transversal de saberes e práticas. Rev Interface (Botucatu) 2015; 19 (55); 1019-22. <https://www.scielo.br/j/icse/a/Ynm4wjGRnzZXJ6m7yPsybm/?lang=pt> Acesso em 30/09/2021.
12. Soares C, Campos C, Yonekura C. Marxismo como referencial teórico metodológico em saúde coletiva: implicações para revisão sistemática e síntese de evidências. Rev. Esc. Enferm. USP 2013; 47(06): 143-9. <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/YhtfSXzWYVcRFm4JWNFW8Zk/?lang=pt> Acesso em 29/09/2021.
13. Soares, C., Vieira, A. G. Oficinas emancipatórias como intervenção em saúde do(a) trabalhador(a). Rev Bras. Saúde Ocup. 2018; 43 (supl 1) 1-11.
14. Krenak A, Cadena M. Políticas Cósmicas: Como viver sem rio? Como viver com terra? Como viver no mesmo planeta? Diálogo de abertura. Políticas cósmicas. Seres-Rios Festival. 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=JPWjZcOoe0> Acesso em 04/10/2021.
15. Tiaraju A. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. Dossiê subjetividades periféricas. Novos estud. CEBRAP 2020; 39 (1). <https://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjqXQ/?lang=pt> Acesso em 03/10/2021.

16. Hooks B. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021. 272 p.
17. Freire P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Guerra, 1992.
18. Evaristo C. "A escrevivência serve também para as pessoas pensarem" Entrevista ao Itaú Social em 9 de novembro de 2020. <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> Acesso em 02/10/2021.

Artigo Recebido: 09.10.2021

Aprovado para publicação: 10.03.2022

Dani Ursogrande

Rede do Fundão do Graja

Rua: 9 de Setembro, 88 Jardim Gaivotas

Telefone: (11) 982151600

E-mail: rodadeafetoerededeprotecao@gmail.com
